

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTAS CAMONIANAS.

BASTO, Cláudio

Ano: 1943 | Número: 53

Como citar este documento:

BASTO, Cláudio, Notas camonianas. *Revista de Guimarães*, 53 (3-4) Jul.-Dez. 1943, p. 257-264.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Notas camonianas

Diz Camões no canto III de *Os Lusíadas*, estância 141:

E pois, se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Almena se parece
Quando *em Ònfale andava transformado*;

e logo adiante, na estância 143:

¿ Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Ua suave e angélica excelência,
Que *em si está sempre as almas transformando*,
Que tivesse contra ela resistência?

A idéia contida nas palavras sublinhadas, explica-a o Poeta neste soneto:

*Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar* (1);
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

¿ *Se nela está minha alma transformada,*
Que mais deseja o corpo de alcançar?
.....

e, melhor, na égloga «Ao longo do serêno»:

Oh! que triste successo foi de amores
O que a êste pastor aconteceu,
Seguindo ouvi contar a outros pastores!

(1) Cf.: «que esteys *imaginando* | Siempre, en aquel a quien vuestra alma distes» | etc, Boscán, *Octava rima* [CXIII].

Tanto, enfim, por seu dano se perdeu,
Que o longo imaginar em seu tormento
Em desatino Amor lho converteu.

Oh! *forçoso vigor do pensamento*
Que pode em outra coisa estar mudando
A forma, a vida, o siso, o entendimento!

Está-se um triste amante transformando
Na vontade daquela que tanto ama,
De si a própria essência transportando.

.....

Até o «filho de Almena» (*Almena*, por *Alcmena*), nada menos que o fortíssimo Hércules, apaixonado de Ônfale, rainha da Lídia, *se transformou nela*, com ela se identificou, a ponto de, para lhe ser agradável, se vestir de mulher e fiar na roca!

Neste exemplo, «bem se parece» quanto pode «um inconcesso amor desatinado»! *Bem se parece* quer dizer «bem se mostra», «às claras se deixa ver». *Parecer-se* é «mostrar-se». Cf. em Garcilaso (égloga II, vv. 1862-1863):

del sol el claro rayo ardiente
sobre las altas cumbres *se parezca*.

Inconcesso representa o lat. *inconcessus*, vocábulo usado por Vergílio: *inconcessosque hymenæos*, na *Eneida*, I, v. 651 (Cf. Correia da Silva, *Ensaio sobre os latinismos dos Lusíadas*, Coimbra 1931, p. 190, nota 2). Observe-se, porém, que Petrarca empregara *non concessa*, no *Trionfo d'Amore* (III, v. 78):

come ciascuna par che si vergogni
de la sua *non concessa* e torta via!

Não foi somente nos lugares citados que o nosso Épico expressou a idéia da «transformação do amador na coisa amada». Mais vêzes o fez.

Na redondilha «Vejo-a na alma pintada»:

Se só de ver puramente
Me transformei no que vi,
De vista tam excelente
Mal poderei ser ausente
Enquanto o não fôr de mi.

e na redondilha "Sem vós, e com meu cuidado"
(numa das glosas):

Amor, cuja providência
Foi sempre que não errasse,
Por que na alma vos levasse,
Respeitando o mal da ausência,
Quis que *em vós me transformasse*.

No *Filodemo*, por duas vezes; na cena 2.^a do
acto III:

VENADORO

.....
E pois que *tam transformado*
Me tem vossa fermosura
.....

e na cena 6.^a do acto IV:

LUSIDARDO

Certo que me maravilho
De quem tanto te mudou
Como estais assi mudado
No rosto e mais no vestido!

VENADORO

Ando já noutro trocado,
Tanto, que fiquei pasmado
De como fui conhecido.
E se vossa mercê vem
Para me levar daqui,
Mais há de levar que a mi,
E há de ser quem *me tem*
Todo transformado em si.

Na canção "Vinde cá, meu tam certo secretário":

.....
O gesto puro, enfim, e transparente,
Para quem fica baixo e sem valia
Este nome de belo e de formoso;
O doce e piedoso
Mover de olhos, que as almas suspendia,
Foram as ervas mágicas que o Céu
Me fêz beber; as quais, por longos anos,
Noutro ser me tiveram transformado,
E tam contente de me ver trocado
Que as mágoas enganava co'os enganos;
.....

versos de que devemos aproximar êste soneto :

Um mover de olhos, brando e piedoso,
Sem ver de quê ; um riso brando e honesto,
Quási forçado ; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso ;

Um despejo quieto e vergonhoso ;
Um repouso gravíssimo e modesto ;
Uma pura bondade, manifesto
Indício da alma, limpo e gracioso ;

Um encolhido ousar ; uma brandura ;
Um mêdo sem ter culpa ; um ar serêno ;
Um longo e obediente sofrimento :

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o mágico veneno
Que pôde *transformar meu pensamento*.

Registe-se ainda, na canção «Manda-me Amor que cante o que a alma sente» :

Vi que me desatou da minha lei,
Privando-me de todo sentimento
E em outra transformando a vida minha.

e na égloga «Cantando por um vale docemente» :

Olhos, que viram tua formosura ;
Vida, que só de ver-te se sustinha ;
Vontade, que em ti estava transformada ;
Alma, que essa alma tua em si só tinha

Esta lírica «transformação» aparece muito na literatura da época e reflecte as teorias do Amor então em voga.

Vê-se no soneto XXVII «El color bello en el umor de Tiro», de Fernando de Herrera (1534-1597):

Vivo color de lúcido safiro,
dorado cielo, eterna hermosura,
pues merecí alcançar esta ventura
acoged blandamente mi suspiro.

Con él mi alma, en el celeste fuego
vuestro abrasada, viene, i *se transforma*
en la belleza vuestra soberana.

A idéia, com variantes de expressão, repete-se noutros passos do mesmo Fernando de Herrera; na elegia IV «A la pequeña luz del breve día»:

No m'espanto qu'esté mi Estrella agena
d'Amor, pues é el amor todo ocupado,
i dél solo mi ánima está llena;
qu'en él *se á toda transformado*;

e na estança (1) «Oid atento el son d'el tierno canto»:

Con la grande igualdad, que en la belleza
vuestra mi alma tiene semejante,
que *transfigure 'n mi vuestra grandeza*
me fuerça, i á mi em vos...

O próprio Herrera, ao comentar o soneto VIII de Garcilaso, «De aquella vista pura y ecelente», descobre a idéia-mãe:

...«i la origen del amor, que es afecion gravissima i vehementissima del'alma, nace de la vista; de suerte que el amante se resuelve, i desata, i liquece, quando vê una muger hermosa; como si *todo se viesse de trespassar en ella...* Porque la vista pinta i figura otras imagenes como en cosas liquidas, las cuales se deshizen i desvanecen presto i desamparan el pensamiento i entendimiento; mas las imagenes de los que aman, esculpidas en ella como inustiones hechas con fuego, dexan impressas en la memoria formas, que se mueven i viven i hablan i permanecen en otro tiempo. porque siendo representada a nuestros ojos alguna imagen bella i agradable, passa la efigie della por medio de los sentidos esteriores en el sentido comun; del sentido comun va a la parte imaginativa, i della entra en la memoria, pensando i imaginando se para i afirma la memoria; i parando aqui, no queda, ni se detiene; porque *enciende al enamorado en desseo de gozar la belleza amada; i al fin lo transforma en ella.*» (2)

Vejo a mesma idéia nestes versos de Garcilaso (canção I, vv. 17-19):

Mirad bien que el amor....
....quiere que *el amante viva*
y se convierta a do piensa salvarse. (3)

(1) Estança I na ed. das *Poesias* da colecção «Clásicos Castellanos»; II na ed. de 1619.

(2) *Obras de Garcilasso dela Vega con anotaciones de Fernando de Herrera.... En Sevilla por Alonso de la Barrera, Año de 1580*, p. 115.

(3) Cf.: «Aquella cativa, | Que me tem cativo, | Porque *nela vivo* | Já não quer que viva. | | Esta é a cativa | Que me

Leão Hebreu emparelhou, sinonimicamente, os verbos *converter* e *transformar*, ao exprimir a idéa, nos *Diálogos de Amor* (Parte II, Diálogo III):

«Phil(on) —y bien sabes que *el amante se convierte y transforma en la persona amada* ;»

e explica :

«de donde te digo que los bienes de la persona amada son mas verdaderamente del amante que los suyos propios, y los del amante mas verdaderamente de la persona amada que los propios de la persona amada, si la persona amada ama reciprocamente al amante ; porque entonces el bien de cada uno dellos es proprio del otro y ageno de si misino ; por tanto, dos que se aman trocadamente, en ninguna manera son dos.»

Transcrevi dos *Diálogos de Amor*, incluídos in *Orígenes de la Novela*, de M. Menéndez y Pelayo (tômo IV, Madrid 1915, p. 379, col. 1.^a) (1).

Em Petrarca, no *Trionfo d'Amore*, lê-se (III, vv. 161-162):

.....e so in qual guisa
l'amante ne l'amato si trasforme.

Nem sempre os escritores param nos encantos do corpo, ou nos da alma ; voam, por vezes, muito acima, no sentido da Beleza eterna. Idéias da época, ainda.

tem cativo, | E, pois *nela vivo*, | *E' fôrça que viva*.» Camões, *Endechas a Bárbara escrava*. — «Viver nela» equivale a «estar transformado nela». Outra variante é «achar-se nela»: « — Pois onde te hão de falar, | Se não estás onde apareces? | Se Madanela conheces, | *Nela me podes achar*. | — E como te hão de ir buscar | Aonde fogem de ti? | — Pois nem eu estou em mi. | — Por que te não acharei | Em ti como em Madanela? | — Porque *me fui perder nela* | *O dia que me ganhei*. | ».... Camões, *Vilancete pastoril* « — Deus te salve, Vasco amigo».

(1) Na Biblioteca Municipal do Pôrto, há uma ed. italiana dos *Diálogos* (Venesa, 1558). Lá se encontra a frase de que particularmente se trata: «l'amante si converte, & trasforma nella persona amata» (fl. 136 v.). A 1.^a ed., italiana, é de Roma, 1535. Em espanhol, antes da tradução de 1590, feita por Garcilaso Inga de la Vega, existiam já as traduções de 1568 e 1584. — *Leão Hebreu* é pseudónimo do médico Judas Abrabanel (Abarbanel ou Abravanel), judeu, nascido em Lisboa.

Do citado Fernando de Herrera — para exemplo —, recordem-se estes versos do soneto XXXVIII, «Serena Luz, en quien presente espira» :

Que yo *en essa belleza que contemplo*
(aunqu'á mi flaca vista ofende i cubre),
la imensa busco, i voi seguyendo al cielo.

Na *Imagem da Vida Cristã*, escreveu Fr. Heitor Pinto (cap. IV do «Dialogo da Religiam», p. 61 da ed. de 1681):

....«Esta caridade, ata, & une com Christo, & o que a tem, he feito hum espirito com elle. Isto he o que diz S. Paulo : Aquelle que está unido cõ Deos, he hum espirito com elle. O amor tem virtude unitiva, & *transformativa*. Santo Augustinho diz, q a alma mais está aonde ama, q aonde anima. S. Dionysio diz, que *o amor trãforma o amãte no amado* : & como a caridade he amor, une & transforma, & faz subir tão alto o amante, que o leva ao Ceo, aonde está conversando com os Anjos, feito hum espirito com Deos.»

e, pouco depois, no mesmo capítulo (p. 62 da ed. referida), volta à idéia da «transformação» :

«E assi como o holocausto era todo queimado, assi o verdadeiro Religioso ha de ser abrasado naquella viva chama do divino amor q consome toda a terrena baixesa : de maneira, que separado do corpo, alienado de si mesmo, esteja mais em Deos, q em si, pera q *como verdadeiro amãte, seja no amado embebido, & transformado.*»

E, continuando, Fr. Heitor Pinto explica :

«Assi como o espelho d'aço posto aos resplandecentes rayos do Sol, não somente fica resplandecente, mas ainda lança de si os mesmos rayos semelhantes ao Sol, & trãformado nelle, assi o verdadeiro Religioso estando amando, & contemplando a Deos, está recebendo os rayos do divino resplendor, & allumiada sua alma, está allumiando & lançando de si estes rayos, transformado na mesma imagem de hua claridade grande em outra maior.

E assi *estando amando, & contemplãdo a Deos, se está fazendo divina, transformãdose no modo, & imitação da divina natureza*. Assi interpreta Theophilato despois de Chrisostomo aquelle lugar de S. Paulo na segunda aos Corinthios. Nós todos descuberta a face especulando a gloria do Senhor *na mesma imagem somos transformados* de claridade em claridade (1). Este

(1) Êste lugar que Fr. Heitor Pinto cita é o versículo 18.º do Cap. III da *II Epistola de S. Paulo aos Corinthios*.

modo de vida he o que communmente chamamos Religiaõ, que consiste em darse a Deos, & apartarse do mundo, & de si mesmo.»

*

Escusado é levar mais adiante a documentação. Esta basta a deixar bem provado que se trata, em qualquer dos aspectos, de conceitos em voga nos tempos a que Luís de Camões pertenceu (1).

O nosso Poeta não precisava de ir inspirar-se nas fontes puras dos filósofos, para repetir a idéia da «transformação do amante na coisa amada». Era filosofia amorosa corrente nos escritores contemporâneos e nos que o precederam. E que o não fôsse, lá estava Petrarca para ser imitado, como em tantas outras ocasiões.

Pórtó, Dezembro de 1943.

CLÁUDIO BASTO.

(1) As teorias amorosas dos neo-platónicos andavam triunfalmente propagadas pelo *Cortegiano*, de B. Castiglione, — na Península ibérica ainda mais divulgadas pela tradução que dêsse livro fêz Boscán. A 1.^a ed. da obra de Castiglione é de 1528; a tradução castelhana é de 1540.